

operação gelo
permanente
clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Lista de Personagens

ANTÁRTIDA, 1939

Capitão Gunther Jurgenson — Piloto da Lufthansa, especialista na pilotagem de hidroaviões, recrutado para a expedição do *Bremerhaven* à Antártida.

Tenente Schmidt — Navegador da aeronave de Jurgenson, membro devoto do Partido Nazi.

ÉPOCA PRESENTE

EXPEDIÇÃO DO *GRISHKA*

Cora Emmerson — Especialista em assuntos climáticos e microbióloga, também um antigo membro da NUMA (Agência Nacional Marinha e Submarina).

Alec Laskey — Capitão do *Grishka*, um navio de pesquisa polar com quarenta anos.

AGÊNCIA NACIONAL MARINHA E SUBMARINA (NUMA)

Kurt Austin — Diretor da Divisão de Projetos Especiais, especialista na recuperação de bens afundados, mergulhador de fama mundial e um entusiasta de barcos.

Joe Zavala — Assistente de Kurt e o seu melhor amigo, piloto de helicópteros e génio da mecânica.

Rudi Gunn — Diretor-adjunto da NUMA, formado pela

Academia Naval, coordena a maior parte das operações correntes da NUMA.

Hiram Yaeger — Diretor da Divisão de Tecnologia da NUMA, tendo concebido e operado os seus mais potentes computadores e sistemas informáticos.

Paul Trout — Geólogo de renome da NUMA, formado pelo Scripps Institute, casado com Gamay.

Gamay Trout — Bióloga marinha de renome, também formada pelo Scripps.

St. Julien Perlmutter — Historiador e cozinheiro *gourmet* de fama mundial, mantém em sua casa uma grande coleção de livros náuticos raros e mapas.

Lee Garland — Diretor de Detecção Remota e Comunicações, conhecido como sendo um sequaz polémico.

ÁFRICA DO SUL — PROVÍNCIA DO LIMPOPO

Yvonne Lloyd — Ambientalista e microbióloga que estuda antigas bactérias, elemento da expedição de Cora Emmerson no *Grishka*.

Ryland Lloyd — Irmão mais velho de Yvonne, CEO da Mata Petroleum, em disputa constante com a irmã.

Zhao Liang — Dono da Liang Shipping, uma grande operação de navios cargueiros, e sócio de Ryland Lloyd.

Sergei Novikov — Magnata russo da construção, construtor de portos e de terminais de transporte marítimo, também sócio de Ryland Lloyd.

Eileen Tunstall — Industrial canadiana, cuja companhia constrói turbinas e equipamento para oleodutos.

ÁFRICA DO SUL — JOANESBURGO

Leandra Ndimi — Agente de ligação da NUMA na África do Sul e amiga de Rudi.

Professor Noah Watson — Microbiólogo na Universidade de Joanesburgo.

Tenente Clarence Zama — Comandante de operações especiais na Marinha Sul-africana.

EUROPA

Matthias Räikkönen — Diretor da Divisão de Pesquisa no Depósito Europeu de Amostras de Gelo de Helsínquia.

Andrea Bauer — Curadora-chefe do Centro de Documentação de Berlim.

TRIPULAÇÃO DE VOO DO P-8 POSEIDON

Comandante Walter Hansen — Comandante da aeronave P-8 *Poseidon*, cujo nome de código é *Hermes 51*.

Tenente Rebecca Collier — Operadora de Sistemas de Reconhecimento no *Hermes 51*.

Prólogo



NO LADO INFERIOR DO GLOBO
TERRA AUSTRALIS (ANTÁRTIDA)
JANEIRO DE 1939

UM ZUMBIDO DE HÉLICES DE AERONAVES ECOOU ATRAVÉS DA AGRESTE PAISAGEM de inverno. Levantava-se de campos de neve e rios de gelo, com um ruído reverberante nunca antes ouvido naquela parte da Antártida.

Uma colónia de pinguins-imperadores, que nidificava no terreno abaixo, apercebeu-se do barulho. Olharam para o céu em busca das causas dessa perturbação, virando as cabeças em simultâneo. Encontrada a origem, olharam com uma curiosidade extática enquanto um grande «pássaro» cinzento deslizava pelo céu.

O pássaro era um hidroavião *Dornier*. Uma aeronave prateada, toda em metal, com um número de identificação pintado em letras maiúsculas. Possuía uma asa alta, montada no topo, e dois poderosos motores radiais dispostos sequencialmente ao longo da linha central da fuselagem. Um dos motores impelia a aeronave na frente enquanto o segundo o fazia de trás.

Os que voavam este modelo do *Dornier* chamavam-lhe *A Baleia*, não apenas devido às suas grandes dimensões, mas também por o metal rebitado se assemelhar às visíveis camadas enrugadas de gordura, no ventre de muitos gigantes oceânicos.

No interior do hidroavião um piloto de meia-idade estava sentado aos controlos da aeronave. Tinha olhos castanhos e cabelo grisalho, mas uma

espessa barba por fazer no rosto. Vestia um casaco azul sem botões semelhante a um *Fliegerbluse*¹. Uma insígnia de capitão no colarinho indicava a sua patente, enquanto no peito uma águia agarrando numa suástica o identificava como um piloto da Luftwaffe. Uma etiqueta temporária com o nome, recentemente cosido ao *Fliegerbluse*, indicava que se tratava de Jurgenson.

Inclinando as asas e observando os pinguins através do vidro aquecido do *cockpit*, Jurgenson ficou maravilhado com o modo como as aves se alinhavam em filas quase perfeitas.

— *Kleine Soldaten* — comentou ele em alemão. — Pequenos soldados.

O copiloto riu-se e depois apontou para outra coisa. — *Blaues Wasser* — indicou ele. *Água azul*. — Deve ser mais um lago, o que perfaz três nos últimos cinquenta quilómetros, todos na mesma linha.

Jurgenson concentrou-se no lago que surgia em frente, um trecho estreito de água verde-azulada a brilhar ao sol. A cor era intensa como se se tratasse de uma safira na extensão infinita de neve branca.

— Este é maior do que os outros. — Pressionou o botão do intercomunicador. — Navegador, preciso de um relatório acerca da nossa posição.

Do fundo da aeronave o navegador respondeu indicando a presente latitude e longitude, acrescentando: — Estamos a aproximar-nos do ponto de passagem dos duzentos quilómetros. É altura de desempenharmos o nosso dever para com o Reich.

Jurgenson revirou os olhos e trocou um olhar cúmplice com o copiloto. Eles estavam ali oficialmente como exploradores, para fotografarem grandes porções por descobrir do continente. Não obstante, em 1939, explorar terras desconhecidas significava apossar-se delas para o seu governo e país, ou, neste caso, para o *Führer* e para a pátria.

Para pressionarem essa mesma posse, era-lhes exigido pelo Alto Comando que mostrassem provas do seu percurso, de cinquenta em cinquenta quilómetros. Isso pressupunha lançar marcadores com pesos, através da porta de carga do hidroavião, e esperar que os mesmos se cravassem no gelo como bandeiras.

Os marcadores tinham quase um metro de comprimento, eram feitos de aço e com a forma de setas. Tinham na ponta pesos para que pudessem cair como dardos e ficar espetados na neve e no gelo. Se tudo corresse bem, permaneceriam direitos, exibindo orgulhosamente as suásticas gravadas na retaguarda.

¹ Casaco militar. (N. de T.)

Jurgenson achava que esse exercício era uma ridícula perda de tempo. Tanto quanto se podia dar conta, as setas ou caíam com o impacto ou enterravam-se de tal modo que acabavam por desaparecer.

Tomou uma rápida decisão e pressionou o botão do intercomunicador. — O nosso verdadeiro dever para com o Reich é encontrar coisas de valor. Neve e gelo liquefeitos sugerem aquecimento geotérmico, que será de uma grande utilidade caso o Alto Comando decida construir aqui uma base. Apertem os cintos, vamos recuar para fazermos uma aterragem.

Com o intercomunicador em silêncio, Jurgenson dirigiu-se ao copiloto. — Contacta o *Bremerhaven*. Diz-lhes que iremos aterrar.

Quando o copiloto comunicou com o cargueiro de onde tinham levantado voo, Jurgenson ajustou os controlos e colocou o *Dornier* a descrever uma lenta curva descendente. Passou uma vez por cima do lago, verificando se não haveria rochedos ou obstruções, e, em seguida, preparou-se para a aterragem. Ao aproximar-se, desceu os *flaps* e pôs a mão no acelerador.

Não havia propriamente vento, o que tornava tudo mais simples. O *Dornier* aterrou numa das extremidades do lago, dividindo as águas calmas em duas partes e abrindo um rasto longo e fino no meio.

O atrito da água reduziu a velocidade da aeronave de um modo tão eficiente como quaisquer travões, e o enorme aparelho em breve estava a seguir ao longo da costa como um barco pesadamente carregado. Jurgenson manobrou a aeronave com os pés nos pedais. Estes estavam ligados a um pequeno leme por baixo da quilha do hidroavião. Quando a velocidade diminuiu ainda mais, adicionou-lhe alguma energia, voltou a aeronave para a direita e, em seguida, desligou os motores.

O *Dornier* ficou silencioso, deslizando até parar perto da extremidade mais distante do lago.

— É altura de desenferrujarmos as pernas — observou Jurgenson.

Quando ele retirou o arnês dos ombros, o navegador meteu a cabeça no *cockpit*. — Capitão — disse ele —, tenho de insistir que nós...

Jurgenson interrompeu-o. — Tenente Schmidt, insisto para que venha connosco. Pode trazer quantos marcadores lhe apetecer. Poderemos até rodear o lago com eles, se é isso que pretende. Como um modo adicional de honrar as suas intenções, terá o direito de dar um nome ao lago que irá fazer parte da nossa pátria.

Houve uma pausa por instantes e, em seguida: — *Danke, Kapitän*.

O navegador voltou a desaparecer na fuselagem da aeronave. O copiloto sorriu com ironia. — Ainda vamos fazer de si um grande político.

— Nunca na vida!

Jurgenson não se poderia importar menos com o Partido Nacional Socialista. De facto, opusera-se aos nazis nos seus primeiros anos, na época em que ter uma atitude dessas ainda era permitido. Levara a Gestapo a pô-lo numa lista negra e esta tentara impedir que ele participasse na expedição. Contudo, após anos a trabalhar nas linhas de longo curso com a Lufthansa, a sua perícia no manejo de *A Baleia* não era facilmente igualável. Esses dotes, juntamente com uma rejeição escrita do seu passado sindicalista, colocaram-no na expedição, dispensando-o de ter de trabalhar numa mina de carvão no Ruhr.

Estendendo a mão, Jurgenson abriu uma escotilha por cima da sua cabeça. A maioria das versões do *Dornier* tinha um *cockpit* aberto, mas a aeronave escolhida para a expedição à Antártida possuía uma cobertura em vidro por razões óbvias.

Quando a escotilha se abriu, o ar frígido penetrou no *cockpit* abafado, refrescando-o e fazendo com que ambos os indivíduos se sentissem mais alerta. Jurgenson respirou fundo e levantou-se, saindo através da escotilha para o eixo da sua aeronave.

Por detrás dele, via-se o motor a jato do *Dornier* com as suas duas hélices alinhadas. Estavam paradas, mas ele conseguia ouvir os sons metálicos e os estalidos, nas partes quentes de metal, à medida que o ar frio circulava através delas.

Em baixo, num dos lados da fuselagem, abriu-se uma porta. O tenente Schmidt e dois homens saíram para a asa mais baixa e espessa a que chamavam plataforma lateral. Este aerofólio secundário fora incorporado no desenho do hidroavião para lhe dar mais estabilidade, sempre que a aeronave estivesse pousada na água, mas também constituía uma saliência perfeita onde ficar de pé ao entrar e ao sair da aeronave.

Empoleirado na mesma, o tenente Schmidt disparou um arpão para o gelo. Uma corda atada ao mesmo desenrolou-se. Schmidt e o resto da tripulação puxaram por ela, gerando assim força suficiente para arrastar a aeronave para junto da margem.

Com esta atracada, o tenente Schmidt colocou uma longa prancha de madeira a ligar o hidroavião ao gelo. — Quanto tempo temos, capitão?

Jurgenson leu a temperatura. Quinze graus abaixo de zero. Contudo, com a luz do Sol e a ausência de vento, parecia quase agradável. Lembrava-lhe o dia que passara nos Alpes a esquiar de manhã e sentado à tarde no exterior, numa mesa para piqueniques, a beber boa cerveja da Baviera.

— Quinze minutos — determinou ele. — Não mais do que isso.

O limite de tempo não era para a tripulação, esta ficaria bem, seria para prevenir que os pistões arrefecessem demasiado, o que tornaria mais difícil vaporizar o combustível nos mesmos, logo que reiniciassem os motores.

Inclinou-se para o *cockpit*. — Mantém-te atento à temperatura do combustível. Se baixar muito, põe os motores a trabalhar. Eu vou a terra.

O copiloto fez-lhe continência e Jurgenson deixou-o, caminhando ao longo do topo da aeronave. Depois de se ter baixado ao passar pela hélice e por baixo da asa, deu um salto para o estabilizador lateral. A partir daí caminhou pela prancha até à margem costeira.

Ao pisar terreno sólido, reparou que a neve era compacta e firme, apenas com uma fina camada de poeira por cima. Ao afastar-se da aeronave, maravilhou-se com o silêncio que o rodeava. Ouvia apenas o som da sua própria respiração e a neve a ranger e a chiar sob as suas botas.

A paisagem em torno dele era vasta, serena e extremamente assombrosa. O próprio ar estava tão frio que não tinha qualquer humidade e, embora a sua respiração parecesse congelar-se-lhe nas narinas, não via qualquer vapor dela ao exalar. Achou que o campo de gelo branco o cegava, porém, na distância, apercebeu-se de alguns cumes sem neve que se assemelhavam a escuras rochas vulcânicas. Ao erguer os olhos, ficou fascinado com um céu que era mais azul do que ele alguma vez vira.

Pôs-se a andar devagar, desfrutando de tudo. Não tinha a certeza, mas pensava que estava mais a sul do que qualquer alemão alguma vez se encontrara. Isso deveria contar para alguma coisa. Passou pelo tenente Schmidt que martelava as setas de metal no gelo, certificando-se de que as suásticas tinham uma visibilidade proeminente.

Em seguida, veio a fotografia obrigatória. Quando Schmidt desfraldou uma outra bandeira, um dos tripulantes preparou a máquina fotográfica. Gesticularam para o capitão para que este se fosse juntar a eles.

Jurgenson aproximou-se e posou para a fotografia, mantendo-se de pé com um ar indiferente. Ficou com os braços ao lado do corpo enquanto o tenente e os outros estendiam as mãos e os braços numa saudação.

Após ter completado as funções oficiais, o capitão caminhou um pouco mais para a estreita língua de gelo, chegando perto de um dos cientistas que se encontrava acocorado na margem do lago.

O indivíduo estava a tirar amostras, mergulhando um grande frasco de vidro na água e deixando que este se afundasse e se enchesse, antes de o recolher com o auxílio de um fio.

— Que lhe parece? — perguntou Jurgenson, acorando-se ao lado dele. — Vulcânico?

— *Ja* — respondeu o cientista —, podemos facilmente cheirar o enxofre. Não há dúvida de que este lago está a ser aquecido por forças geotérmicas.

— Mas não estamos no topo do glaciário?

— Sem dúvida — acrescentou o cientista. — Esse facto é que o torna uma descoberta rara, calor geotérmico a emanar através do centro do glaciário. Muito pouco comum e, para mais, temos isto.

O cientista apontou para um dos frascos de vidro ao lado dele. Continha uma amostra retirada anteriormente do lago.

— A água está cheia de contaminantes. Deveria ser água pura derretida, mas não é.

O capitão observou mais de perto, examinando o frasco com água. Num termómetro, introduzido no seu interior, lia-se três graus centígrados, mas havia gelo a formar-se no topo. Enquanto o cientista fazia rodar a água para partir o gelo, conseguia ver-se um rodopiar de impurezas verdes no seu remoinho.

— Sedimento?

— Talvez.

— Ou quem sabe se material vivo...

— Capitão — gritou uma voz.

Jurgenson levantou-se e olhou na direcção da aeronave. Um dos tripulantes estava de pé na parte de trás do *Dornier*, agarrado à cauda e a apontar para o lago, na direcção onde tinham aterrado.

— A água está a congelar — gritou o tripulante. — Temos de levantar voo para não ficarmos aqui presos.

Jurgenson voltou-se. Conseguia aperceber-se do tom azul-esverdeado da água a desaparecer na distância. Mesmo na linha costeira, junto deles, começara a formar-se uma fina camada de gelo, algo que não existia minutos antes.

— Todos para o hidroavião — ordenou Jurgenson. Ajudou o cientista a pôr as tampas nas amostras e a colocá-las num carrinho. Em seguida, deixou-o e correu para a aeronave. Chegou à prancha e subiu até à parte de cima do aparelho.

Deu alguns passos na direcção da cauda. Do ponto elevado em que se encontrava podia observar melhor. O que viu gelou-o ainda mais do que o ar frígido. Havia gelo a formar-se em ambas as margens, com suficiente rapidez para que pudesse ser observado a olho nu. Ao mesmo tempo, estava a

espalhar-se por todo o lago de ambos os lados até ao meio, como geada que se dispersasse na vidraça de uma janela num curto espaço de tempo. Por ora, um canal no centro do lago permanecia líquido.

Saltou do topo do avião, baixando-se por baixo da asa e dirigindo-se para o *cockpit*. — Ponham os motores a trabalhar.

— Mas nem todos estão a bordo — observou o copiloto.

— Façam-no apesar de tudo — ordenou Jurgenson. — Depressa.

Enquanto o copiloto dava seguimento à ordem, Jurgenson mantinha-se na parte dianteira do hidroavião, observando a margem. Os cientistas estavam a arrastar o equipamento e as amostras de água na direção da aeronave, bamboleando-se pela neve enquanto se iam aproximando. Schmidt martelava, insensatamente, um último marcador. — Vamos — ordenou Jurgenson. — Mexam-se.

A hélice da popa arrancou, com o motor a vomitar fumo. Os pistões dispararam e a hélice começou a rodar rapidamente, tornando-se apenas uma vaga mancha. Mais abaixo, os cientistas entraram a bordo. O tenente Schmidt ainda estava a regressar.

O capitão entrou no *cockpit* e fechou a escotilha por cima dele. — O número dois já está a trabalhar. Façam o mesmo ao número um.

Quando o motor da parte da frente foi acionado, Jurgenson assumiu os comandos. Ajustou as hélices e preparou-se para arrancar.

— Estão todos? — perguntou ele pelo intercomunicador.

— Todos a bordo — respondeu um tenente Schmidt ofegante.

— Soltem a corda e empurrem-nos daqui para fora. Precisamos de espaço para virar.

Na parte traseira do hidroavião, Schmidt cortou a corda e usou a prancha para empurrar o *Dornier* para longe do gelo. A aeronave moveu-se a custo, afastando-se alguns palmos, mas esse era todo o espaço de que Jurgenson necessitava.

Empurrou as manetes para a frente enquanto pisava com força no pedal do leme. O esforço fez com que a aeronave descrevesse uma curva apertada, virando a cauda até o nariz voltar a ficar apontado para o comprimento do lago.

Com o hidroavião alinhado, o capitão preparou-se para a descolagem e acelerou o mais que pôde. Os motores montados por cima da fuselagem rugiram e o *Dornier* começou a ganhar velocidade, à medida que a energia ia percorrendo a estrutura.

A princípio, *A Baleia* moveu-se fazendo jus ao seu nome, abrindo

caminho com uma força bruta, através da água, e adquirindo velocidade pouco a pouco. Contudo, logo que o fluxo de ar por cima da asa começou a aumentar, o avião elevou-se na sua quilha, reduzindo substancialmente o atrito. Então, *A Baleia* voou por cima da água, adquirindo de súbito mais velocidade.

Em frente, o gelo continuava a formar-se, exibindo um padrão cristalino em ambas as margens.

— Como é que um lago pode congelar tão depressa? — perguntou o copiloto.

— Devemos ter levantado água fria das profundidades — sugeriu Jurgenson. — Potência máxima, precisamos de levantar voo.

O copiloto cumpriu a ordem e o *Dornier* ergueu-se, enquanto mal tocava na água, desesperado por voar, mas não totalmente liberto.

— Não vamos conseguir — avisou o copiloto. Levou a mão às manetes para as puxar para trás.

Jurgenson segurou na mão do homem e manteve os motores na máxima velocidade. A aeronave avançou contra a margem do gelo que se formara rapidamente. Tratava-se de uma mistura de água com gelo nesse momento, contudo, borrifou a pele metálica do hidroavião, congelando-a instantaneamente. Os suportes na asa, na secção posterior da fuselagem e na parte da cauda ficaram revestidos em segundos.

Jurgenson sentiu os controlos a ficarem pesados e lentos. Mas a asa e as hélices, montadas por cima daquela, ainda estavam desimpedidas e secas. Era agora ou nunca.

O capitão puxou a manche. O *Dornier* descolou do lago, subiu durante alguns momentos e depois começou a descer. Tocou uma vez na superfície, deslizando e saltando mais alto. Dessa vez, segurou-se e começou a abrir caminho em direção ao céu.

— Descongela as asas e a cauda — gritou Jurgenson.

O copiloto acionou dois interruptores. — O aquecimento já está ligado.

O sistema de degelo canalizava a energia elétrica por meio do aquecimento de bobinas na asa e na cauda. Estas iriam derreter o gelo, mas o processo era lento. Entretanto, Jurgenson lutava para manter a aeronave a voar.

— Estamos demasiado pesados — informou ele, pressionando o botão do intercomunicador. — Livrem-se de todo o excesso de peso, caso contrário iremos cair.

Focado nos instrumentos e mantendo as asas niveladas, o capitão não fazia ideia do pânico que a sua diretiva desencadeara na secção da popa da

aeronave. A escotilha de carga foi aberta. Peças sobressalentes, aparelhos e o equipamento para o frio foram deitados fora. Um trenó, vários pares de esquis e um saco de arroz de vinte quilos, reservado para os manter vivos caso ficassem retidos algures, foram os seguintes. Deitaram fora tudo o que puderam, exceto os marcadores pesados do tenente Schmidt, que o navegador guardara com um zeloso empenho.

Com o compartimento traseiro já liberto, o avião estava cento e quarenta quilos mais leve. Apenas o suficiente para mantê-lo no ar.

Foi quando o motor número um deu um estalo.

— Gelo na conduta do combustível — informou o copiloto. — Malditos tanques no *Bremerhaven*.

Abriu uma válvula que transmitia mais calor do motor para os carburadores, na esperança de evitar que o gelo obstruísse a conduta do combustível. Foi pouco e era já demasiado tarde.

O motor foi-se abaixo e o *Dornier* começou a tremer. Estava prestes a parar e a despenhar-se. Jurgenson não tinha outra escolha. Baixou o nariz para ganhar velocidade suficiente para controlar a descida. Mas não havia como permanecer no ar.

Deslizaram uns oitocentos metros e bateram na neve com um impacto violento, não suficientemente forte para destruir o avião, mas bastante sólido para o danificar.

A fuselagem gemeu com o impacto. Os rebites estouraram e fizeram ricochete pelo interior do *Dornier*. Jurgenson sentiu a aeronave a guinar quando o nariz deslizou para a esquerda e a cauda balançou para a direita. O hidroavião derrapava como um carro em pavimento molhado. Tentou controlá-lo pisando no pedal do leme, mas pouco lhe adiantou.

Deslizaram pela neve compacta e depois galgaram uma ladeira. A velocidade começou a diminuir conforme iam subindo e a aeronave parou de repente quando a asa esquerda se cravou num monte de neve, fazendo com que eles girassem.

O capitão levou as mãos aos controlos, desligando instintivamente as bombas de combustível e o sistema elétrico. Olhando em volta, não viu nenhum sinal de incêndio. Ao inalar profundamente, não sentiu cheiro a fumo ou a um derrame de combustível.

Estavam parados e vivos. Não iriam morrer queimados, porém, para além disso, havia pouco para comemorar.

Após ter ficado sentado por momentos num silêncio atordoador, Jurgenson levantou-se. Abriu a escotilha e pôs a cabeça de fora.

Tinham subido trezentos metros pela encosta de uma colina, antes de se terem imobilizado na neve mais profunda. A aeronave estava virada num ângulo de quarenta e cinco graus, como se tivesse estado a tentar inverter a posição do nariz, para voltar a descer a colina antes de ficar completamente parada.

Olhando para trás, viu todos os danos que precisava de ver. A aresta principal da cauda estava cortada e seriamente dobrada. Um rasgão na lateral da fuselagem ia de um dos estabilizadores laterais até ao leme. Não era preciso ver mais nada. *A Baleia* não voltaria a voar.

Recuando para o interior do *cockpit*, Jurgenson afundou-se no assento. — Isto não vai ajudar-me a cair nas boas graças dos homens em Berlim — admitiu ele. — Comunica por rádio com o *Bremerhaven*. Dá-lhes a nossa posição e diz-lhes que precisamos de assistência.

Enquanto o copiloto ligava o rádio e fazia a temida chamada, Jurgenson olhou pela janela. Viu o lago à distância, mas a brilhante cor turquesa desaparecera. O lago adquirira uma cor monótona e sólida que o tornava quase indistinguível do gelo e da neve à sua volta.

Nunca na vida Jurgenson vira uma superfície aquática congelar tão rapidamente. Não parecia possível. Não a três graus centígrados. Não com o calor geotérmico a aquecê-la por baixo.

Perguntou-se se tal teria que ver com o sedimento que o cientista recolhera no frasco. Talvez tivessem encontrado algo digno de nota, apesar de tudo.

Premiu o botão do intercomunicador. — Fritz — disse ele, dirigindo-se ao cientista pelo nome. — Conseguiu preservar a amostra de água?

— *Nein, Kapitän* — respondeu o cientista. — Tivemos de a atirar fora para reduzir o peso.

— Que pena — lamentou Jurgenson. — Teria gostado de saber o que andaria a nadar naquela estranha água azul.

1



NAVIO DE PESQUISA GRISHKA
NORTE DA COSTA ANTÁRTICA
ÉPOCA PRESENTE

O NAVIO DE PESQUISA POLAR *GRISHKA* SINGRAVA CAUTELOSAMENTE PELO Oceano Antártico, a cem milhas da costa da Antártida. O navio de dez mil toneladas possuía um casco cinzento, uma proa reforçada e uma superestrutura de cinco andares, pintada num tom desbotado de laranja internacional. Tinha noventa metros de comprimento, mas parecia minúsculo em comparação com os icebergues montanhosos que o cercavam.

Alguns deles eram planos e largos, planaltos monolíticos do tamanho de cidades. Outros eram picos com formas imponentes, como o Matterhorn, esculpido pelo vento e pelas ondas, em arranjos que eram tão diferentes como notáveis. E, ainda assim, de entre todos os gigantes, o tipo de icebergue que ameaçava o *Grishka* era o muito mais pequeno.

Da sua posição na ponte, Cora Emmerson olhou através dos binóculos, examinando a água em busca de pedaços de gelo do tamanho de automóveis que flutuassem baixo e fossem quase invisíveis.

— Pedaços de gelo em frente — avisou ela.

Ao contrário do gelo marinho, que o *Grishka* conseguia partir e atravessar, ou dos enormes icebergues, que eram evitáveis e fáceis de detetar, os pequenos icebergues iludiam a observação e poderiam ser mortais. Variavam em tamanho e forma e podiam pesar trinta toneladas ou mais.

Pior ainda, eram geralmente angulares em vez de terem uma forma lisa, o que resultava numa tendência para perfurarem o casco de um navio, em vez de deslizarem por ele, inofensivamente.

— Temos outro conjunto deles a bombordo — advertiu Cora. — Cinco graus a estibordo e já os deixaremos para trás.

O capitão do navio, Alec Laskey, fez a curva sem questionar a sugestão. Cora estivera a seu lado na viagem até à Antártida e mal tinham saído da ponte desde que haviam iniciado a viagem para norte doze horas antes.

Ela tinha uma resistência notável, pensou ele, e um olhar perspicaz. — Tenho a impressão de que deve ter sido um marinheiro numa vida anterior.

— Não posso confirmar nem negar esse boato — afirmou Cora —, mas tenho vindo a fazer pesquisas na Antártida há anos. Esta é a minha sétima viagem para o continente. E, antes disso, trabalhei para a agência marinha americana NUMA². Seria uma pena se eu não tivesse aprendido qualquer coisa pelo caminho.

— Eu diria que aprendeu algumas coisas — retorquiu Laskey. — É muito vigilante.

Sim, pensou ela. E tenho razão para o ser.

Após meses de pesquisa, a expedição de Cora descobrira algo único e perigoso. Se não estivesse enganada, isso teria o potencial para alterar o mundo. Nas mãos certas, poderia ser um bálsamo para o planeta danificado, porém, nas mãos erradas poderia transformar-se numa arma. Independentemente do seu uso, havia quem preferisse que tal descoberta nunca tivesse ocorrido.

Fosse paranoia ou um sexto sentido hiperativo, Cora sentiu que estavam a ser espiados antes mesmo da descoberta. Ter saído do gelo e entrado a bordo do *Grishka* aliviara esse medo. Até chegarem à Cidade do Cabo, no entanto, não se sentia segura.

— Novo rumo estabelecido — afirmou o capitão. — Estamos bem?

Cora voltou os binóculos novamente para os pedaços de gelo. Estes erguiam-se e afundavam-se quando a onda da proa do navio passava, chocando uns contra os outros. Uma espuma de bolhas surgiu quando um dos icebergues em miniatura rolou, desapareceu brevemente e, em seguida, voltou à superfície com um lado diferente apontado para o céu.

— O gelo já foi ultrapassado e está a ficar para trás — informou ela.

Cora observou os pedaços de gelo e então voltou a sua atenção para o

² Referência a *National Underwater and Marine Agency*, mais conhecida pelo seu acrónimo NUMA. (N. de T.)

caminho em frente. O que antes parecia um percurso sem obstáculos agora parecia-o menos. A um quilómetro diante deles, um icebergue de tamanho médio, maior do que o *Grishka* mas mais pequeno do que as montanhas de gelo à distância, estava a mover-se na sua rota.

O icebergue tinha uma forma estranha. Mas, de qualquer modo, nunca havia dois iguais. Tinha um topo plano, como os icebergues do tamanho de uma cidade que se desprendiam dos glaciares, contudo, a sua extremidade mais próxima era bastante inclinada. Pequenos picos surgiam de várias partes.

O próprio gelo tinha uma cor estranha. Em vez de branco puro ou de azul fantasmagórico, este parecia ictérico, como se tivesse sido polvilhado com cinzas vulcânicas.

— Será que existe aqui uma corrente? — perguntou Cora.

— Uma deriva do vento de oeste — respondeu Laskey. — Tal como em qualquer outro lugar da Antártida.

— Mas nada localmente?

— Que eu saiba, não.

— Então, por que motivo aquele icebergue está a dirigir-se para leste em vez de para oeste?

Laskey olhou para o volume que se aproximava. — Trata-se de uma ilusão ótica.

— Não me parece.

O capitão parecia despreocupado, mas apontou para um velho ecrã de raios catódicos. — Verifique o radar.

Cora mudou-se para o radarscópio rudimentar do navio. Era um dispositivo antigo, com linhas queimadas na tela que permaneciam lá, mesmo quando a unidade estava desligada. Ela configurou-o para o modo de monitorização e esperou que a informação aparecesse. Depois de uma dúzia de varreduras, confirmou o que os seus olhos lhes estavam a dizer. — Aquele icebergue está a mover-se para sudeste a uma velocidade de quatro nós.

— Devido ao vento? — perguntou Laskey.

Cora verificou o anemómetro do navio. Registava cinco nós, vindo de norte. Uma rápida verificação da flâmula na proa confirmava-o. — Talvez a parte de trás do icebergue tenha um formato estranho. Poderá estar exposta à brisa e a agir como uma vela.

Agora o capitão começava a ficar preocupado. Abrandou o acelerador e o *Grishka* começou a singrar a uma velocidade muito baixa. — Será muito

perigoso tentar contorná-lo — afirmou ele. — Só Deus sabe o que poderá estar escondido sob a superfície. Vamos parar aqui e esperar que ele passe.

Porém, o icebergue não passou. Qualquer que fosse a combinação de correntes e de vento que o movessem, o monólito flutuante perdeu o seu ímpeto para leste e começou a mover-se para sul, precisamente em direção ao *Grishka*.

Cora sentiu um aperto no peito. — Ele está a vir na nossa direção.

— Impossível — ripostou Laskey.

— Veja por si mesmo, capitão.

Ele não se deu ao trabalho. Cortou por completo o acelerador até atingir uma paragem total e, em seguida, colocou-o em marcha-atrás a um quarto da velocidade. O velho navio respondeu lentamente, estremecendo e parecendo descansar, antes de finalmente começar a retirar-se.

— Está a levar-nos de novo para o gelo compacto?

— O que será melhor do que aproximarmo-nos do icebergue — retorquiu o capitão. — Pode romper-nos o casco com um pequeno impacto. Pode esmagar-nos se desabar.

O *Grishka* ganhou impulso, colocando algum espaço entre si e o icebergue invasor. Mas não demorou muito para que um ruído triturante reverberasse pelo casco.

Laskey desligou os motores. — Devem ser os pedaços de gelo — aventou ele. — Devemos tê-los atraído para o nosso rastro quando passámos. Preciso de olhos na popa, se quisermos continuar.

— Eu posso fazer isso — afirmou Cora.

Pegando num rádio portátil, saiu da ponte. Dirigiu-se a uma escada e desceu cinco níveis até ao convés principal. Em seguida, caminhou para a popa. Não passou por ninguém porque era de manhã cedo e a maior parte da tripulação estava a dormir.

Parando perto da escotilha de popa, recolheu um casaco grosso de um cacifo de armazenamento. Depois de o vestir e fechar, decidiu enfrentar os elementos.

O frio intenso atingiu-a instantaneamente, com o vento a agredir-lhe o rosto e as mãos. Puxou para o rosto o capuz, com rebordos de pelo, e colocou a mão livre num bolso.

Com o rádio na outra mão, atravessou o heliporto, onde o *EC130* da expedição se encontrava amarrado. As janelas do helicóptero estavam congeladas, mas os seus rotores encontravam-se cobertos por mangas aquecidas especiais.

Passando pela pista de pouso, alcançou a popa, onde se erguiam duas grandes graus. Movendo-se entre elas, olhou por cima da popa.

Para sua surpresa, eles já estavam a recuar e a ganhar velocidade. Reverberações profundas de barítono indicaram-lhe que continuavam a bater em pequenos pedaços de gelo com a extremidade menos aguda da popa.

As secções de gelo mais próximas não eram muito ameaçadoras, mas pedaços maiores encontravam-se diretamente no seu caminho.

Ela levou o rádio à boca e pressionou o botão de transmitir. — Gelo branco mesmo junto à popa, capitão. Pelo menos três pedaços separados. Eu evitaria bater neles. A última coisa de que precisamos é de um suporte ou um leme danificados.

Com as hélices a continuarem a girar, o barco continuava a vibrar à medida que adquiria velocidade.

Cora pressionou o botão para falar novamente. — Ouviu o que eu disse, capitão?

A sirene do navio tocou, soando três vezes, para anunciar um aviso de colisão. A voz do capitão ouviu-se pelo altifalante. — Preparem-se para o impacto. Preparem-se todos para o impacto.

Com o capuz a envolver-lhe o rosto, Cora não tinha visão periférica. Voltou-se, chocada ao descobrir uma sombra a pairar sobre o navio, enquanto uma parede de gelo se aproximava da proa a estibordo. Estava a aproximar-se rapidamente, apesar do ímpeto do *Grishka*, e atingiu o navio com um impacto oblíquo e angular.

A embarcação adernou com o golpe, mais de quinze graus. O icebergue deslizou ao longo da lateral do casco, despejando milhares de quilos de neve suja no convés.

Cora caiu no chão, atingindo o convés ao lado do alojamento mais próximo do guincho. Largou o rádio e agarrou-se às costelas, que tinham recebido o impacto do golpe.

O som de gelo a arranhar aço atingiu um auge e depois diminuiu, quando o *Grishka* e o icebergue ficaram colados um ao outro e se começaram a mover como um só, até o seu ímpeto se ter desvanecido. Os motores desligaram-se. O navio adernou, para se nivelar, e mais neve e gelo caíram no convés.

O momento parecia surreal para Cora. Em vez de a embarcação atingir o icebergue, era o icebergue que a atingia. Depois, seguiu-se uma visão ainda mais estranha.

De repente, meia dúzia de cordas foram lançadas por cima da ponta do icebergue. Estas desenrolaram-se no ar, caindo e atingindo o convés do *Grishka* com baques surdos.

Antes mesmo de as cordas pousarem, homens vestidos com camuflagem de inverno começaram a fazer rapel para entrarem. Cora viu que tinham espingardas automáticas, amarradas às costas, e facas em bainhas presas às pernas. Usavam capuzes brancos e óculos. Atingiram o convés em rápida sucessão e espalharam-se, enquanto reforços iam surgindo atrás deles.

Cora soube instantaneamente o que estava a acontecer. Agarrou no rádio do convés e tentou avisar o capitão, mas iniciou-se um tiroteio antes que ela pudesse fazer a ligação.

Baixando-se atrás da instalação do guincho, gritou, horrorizada: — Capitão, estamos a ser abordados — avisou. — Homens armados estão no convés da popa. Eles vieram do...

Mais tiros abafaram-lhe as palavras. A voz do capitão ouviu-se de seguida: — *Eles também estão na proa* — avisou pelo rádio. — *Proteja-se, estou a ligar para...*

O som *staccato* de tiros de metralhadora chegou através do rádio e a transmissão foi cortada.

Cora abafou um grito e olhou em volta. Irromperam brados e berros. Um som abafado de armas pequenas a serem disparadas aumentou no interior do navio e nos conveses abaixo.

Ela considerou qualquer possível modo de resistência. Sem armas apropriadas para lutar, o melhor que ela poderia esperar era agarrar num machado de incêndio e entrar na luta.

Antes que se pudesse mexer, um membro da equipa científica do *Grishka* saiu a cambalear da escotilha de popa. Correu em direção ao helicóptero, mas nunca o alcançou. Um atirador furtivo, empoleirado na beira do icebergue, baleou-o com uma precisão implacável.

Outro colega saiu a correr segundos depois, fugindo de não importava que carnificina que estivesse a acontecer dentro do navio. Correu para a popa, diretamente para o local onde Cora se encontrava escondida.

— Baixe-se — gritou Cora.

Ouviu-se o som de uma espingarda a ser disparada e o corpo do homem deu um salto para a frente e caiu no convés, a três metros do local onde ela estava escondida. Ele caíra de bruços mas olhava de frente para ela. Viu-a a preparar-se para o ajudar e abanou a cabeça.

Era tarde de mais para se conter. Cora estava agora a agir com base no instinto. Avançou, agarrou-o pelo braço e puxou-o com toda a sua força.

Arrastou-o até metade do caminho, até o atirador ter voltado a disparar.

A bala atravessou o convés a mil metros por segundo. Voou numa linha quase reta, ligeiramente afetada pelo vento e desviada microscopicamente pelo movimento giratório do navio, que ainda se encontrava preso no abraço do icebergue.

Esse facto foi o suficiente para desviar a bala uns centímetros do alvo.

Acertou na parte de trás do capuz de Cora, levantando penas de ganso, tecido, pele e sangue no ar. Cora caiu como um saco de batatas, de rosto para baixo sobre o corpo moribundo do seu amigo.

Ficou no local sem se mover, com a cabeça coberta com os restos do capuz, com o tecido branco esfarrapado encharcado numa mancha crescente de sangue carmesim.

No topo do precipício do icebergue, o atirador estudou os resultados dos seus esforços.

Um observador ao lado dele fez o mesmo. — Tiro na cabeça — disse. — Isto quer dizer duas mortes.

O atirador acenou afirmativamente e riscou duas marcas na coronha da espingarda. Estas juntaram-se a uma dezena de outros arranhões, alguns antigos, outros mais recentes.

Com o convés desimpedido e as mortes assinaladas, o atirador pegou num rádio e enviou uma mensagem aos comandos. — O convés da popa está livre — anunciou ele. — Como vão as coisas aí dentro?

— *A ponte está livre* — respondeu uma voz. — *Não há resistência da tripulação. Parece que a maioria já foi abatida. Estamos agora no armazém. Fica a saber que há aqui uma quantidade significativa de material. Isto vai demorar um bocado.*

O atirador concordou. Ele fora informado para esperar isso mesmo. — Começa a trazê-lo para cima. E não demores muito. Precisamos de pôr os explosivos e mandar este navio para o fundo, antes que alguém saiba que estamos aqui.

2



UMA DOR EXCRUCIANTE PERCORREU O CORPO DE CORA ATINGINDO-LHE todas as extremidades. Não, não se tratava de dor, percebeu ela, mas de uma total falta de sensação.

Abriu os olhos e não viu nada para além de uma imagem escura e turva do convés por baixo dela. Tentou mexer-se, o que lhe exigiu muito esforço e a fez sentir tremendamente desajeitada. No entanto, finalmente, pôde torcer o corpo para uma posição mais natural e conseguiu sentar-se.

Por momentos, pareceu-lhe um erro drástico. A cabeça latejava-lhe como um tambor, perdeu a visão e teve a impressão de estar prestes a vomitar.

Ajudou-a ter fechado os olhos e permitir que o ar frio lhe acariciasse o rosto. Sentou-se completamente imóvel enquanto foi readquirindo, um por um, os sentidos.

Primeiro, ouviu o vento a assobiar através dos cabos cobertos de gelo e, em seguida, sentiu a reverberação dos motores do navio. Apercebeu-se do *Grishka* a adernar suavemente, enquanto se movia através das ondas. Deu-se conta, então. *Estamos a caminho.*

Puxou o capuz da parca para trás e arriscou abrir um olho. Viu céus claros e água escura. O dia estava a findar. O icebergue fora-se embora. O navio encontrava-se sozinho.

Tentou levantar-se e reparou que tinha as mãos cobertas de sangue. Viu o corpo junto ao qual ela estivera deitada e parcialmente em cima. Só então a memória do ocorrido a assaltou. O icebergue, os homens armados, os tiros.

Tentou levantar-se, mas não conseguiu. Rastejou de gatas pelo convés, alcançando a escotilha da popa. Abriu-a e contorceu-se para entrar.

A salvo do vento e das temperaturas abaixo de zero, a sua pele começou a descongelar. Era estranhamente doloroso. Sentia um formigueiro no rosto, mas as mãos e os pés permaneciam entorpecidos.

Esticando os dedos, notou neles manchas brancas escamosas e lesões descoloridas. Os primeiros sinais de queimaduras provocadas pelo frio. Calculando sombriamente a situação, percebeu que iria perder pelo menos três dedos em cada mão. Melhor do que a vida, pensou.

Retomando lentamente as forças, Cora ergueu-se com o auxílio de uma pega de metal. Uma vez em pé, avançou em direção à ponte. Recordações da tragédia surgiram-lhe no corredor, pingos de sangue nas paredes, tripulantes mortos deixados no local onde tinham tombado, cartuchos de balas espalhados que ela ia pisando.

Chegou à ponte e abriu a porta. O capitão e o contramestre do navio estavam imóveis no chão. Ambos os corpos tinham sido crivados de balas.

Ela baixou-se ao lado do capitão Laskey, esperando, contra o que lhe dizia toda a lógica, poder encontrar-lhe uma pulsação, mas ele estava frio e rígido. — Que fui eu fazer? — disse ela, a soluçar. — Que fui eu fazer?

Lágrimas correram-lhe pelo rosto enquanto ondas de culpa lhe percorriam o corpo. Ela fora a causa daquele ataque brutal. A sua descoberta transformara todos num alvo. E agora, de alguma forma, apenas ela se encontrava viva.

Os soluços silenciaram-se rapidamente. Tinha o corpo demasiado cansado para evocar mais emoções. Olhou para cima; a sua atenção fora atraída para o estranho som de um apito constante.

De pé, mais uma vez, dirigiu-se para o leme. O navio estava a mover-se para oeste, mas não havia ninguém a controlá-lo.

Ela olhou através das janelas da ponte. O mar alto estava em frente deles, pontilhado, aqui e ali, por espuma e alguns pedaços de gelo a flutuar livremente.

Olhou para o compartimento do rádio e descobriu que fora feito em pedaços. O toque do alarme estava a vir de outro local. Examinou a consola de controlo danificada e avistou uma luz a piscar no painel.

Havia água a entrar e o convés inferior começava a ficar inundado. O porão das bombas estava a funcionar, mas as portas estanques encontravam-se presas na posição de abertas.

O *Grishka* estava a afundar-se. Ela podia senti-lo a oscilar nas ondas. Estavam a ser inundados por mais água do que aquela que as bombas conseguiam extrair.

Desistiu de pedir ajuda. Se ela não impedisse a água de subir, o *Grishka* já teria desaparecido muito antes que alguém chegasse para a resgatar.

Cambaleou pela ponte, continuando tão rapidamente quanto os seus pés magoados o permitiam. Alcançando a escada central, foi capaz de descer com rapidez, atingindo o convés inferior perto de um pequeno laboratório, onde ela passava muito do seu tempo.

O local fora saqueado. Tudo revirado do avesso e levado. — Claro — murmurou ela para si mesma. — Foi para isto que eles vieram.

Mas tal era agora irrelevante, nada mais importava senão salvar o navio. Passou pelo laboratório e chegou à câmara frigorífica, onde a sua equipa preservara centenas de núcleos de gelo retirados dos glaciares no último mês.

O compartimento frigorífico também estava vazio, os núcleos tinham sido levados.

Na outra extremidade do compartimento, chegou a uma escotilha circular. Uma escada de ferro caía a pique para o porão. Os marinheiros chamavam-lhe o alçapão.

Olhou através dele para ver a água a revoltear no convés abaixo. Borbulhava e agitava-se, fluindo de um rasgão oculto.

Desceu pela escotilha e entrou no convés, com água pela barriga da perna. A inundaçãõ vinha do compartimento seguinte, espalhando-se pela parte de baixo da porta. Esta estava fechada, mas não devidamente pressurizada.

Tal não era nenhuma surpresa. Não num navio com quarenta anos que sobrevivera a tempestades, encalhara várias vezes e sofrera pelo menos duas colisões. O tempo e o trabalho tinham causado danos ocultos ao sustentáculo do navio. Como resultado, as anteparas encontravam-se ligeiramente empenadas e nenhuma das escotilhas era verdadeiramente à prova de água. Se ela fosse sobreviver, Cora precisava de tornar segura aquela porta.

Na água gelada até aos joelhos, lutava para conseguir pensar.

Sabia o suficiente sobre controlo de danos para que sentisse ter algumas hipóteses. Pegou numa toalha e numa haste de metal de uma bancada.

Enrolando nela a toalha, tentou tapar a abertura curva, forçando-a no lugar com o pedaço de metal. Destruindo uma cadeira, para arranjar bocados de madeira, colocou-os também nesse lugar, introduzindo-os aí e usando-os como cunhas.

Endireitando-se, sentiu-se repentinamente tonta. Cambaleou para trás e quase perdeu o equilíbrio. Largou a haste de metal e agarrou-se à escada para não cair.

Quando a vertigem passou, pôs-se a examinar o seu trabalho. Reduzira o fluxo de água para metade, mas esta ainda continuava a entrar. Mesmo a essa velocidade, iria inundar lentamente o navio, enchendo o convés inferior e subindo através das fendas e das escotilhas, que já não estavam devidamente pressurizadas.

O naufrágio parecia inevitável.

Fisicamente exausta, Cora esmoreceu devido à intensidade do momento. Embora sentisse o corpo exausto, a sua mente ainda estava agitada.

Não ia desistir. Não agora, não depois de descobrir o que ela investigara durante anos e lhe fora roubado. Não, depois de ter visto amigos e colegas assassinados por causa disso.

Pensou na sua formação, nos seus tempos na NUMA. Tinha de haver uma forma de impedir que o navio naufragasse. *Tinha de haver.*

Olhou à volta dela em todas as direções e depois para cima, através do alçapão, para a cave de armazenamento. Uma ideia veio-lhe à cabeça. Uma ideia tão brilhante que ela não pôde deixar de sorrir.

Com toda a energia que lhe restava, Cora voltou a subir a escada e encontrou tudo o que precisava para salvar o navio moribundo.

3



RIO POTOMAC
WASHINGTON, D.C.

O AR FRIO AGREDIA COMO UM CHICOTE O ROSTO DE KURT AUSTIN enquanto ele se inclinava para trás, com a mão direita a puxar um cabo e a esquerda a segurar no leme ao lado dele.

À sua frente, via-se uma vela triangular esticada, enfunada até à sua capacidade máxima pelo vento forte de norte. A tensão na vela dobrava um mastro de fibra de carbono para a frente, empurrando a pequena embarcação a uma velocidade vertiginosa.

Embora esta fosse movida pelo vento e galgasse ao longo do rio Potomac, não se tratava de nenhum veleiro ou escuna. Kurt estava no comando de um iate de gelo, uma nave em forma de tripé, com uma estrutura longa e fina, e lâminas presas à parte inferior do casco. Uma estava colocada à frente, no nariz do aparelho, e as outras duas presas a um par de estabilizadores que se esticavam para longe dele de ambos os lados.

As lâminas de aço inoxidável tinham o formato de espadas de samurai, as suas arestas afiadas cortavam a superfície congelada do Potomac e permitiam que o iate fizesse curvas apertadas e deslizasse rápido nas retas.

Olhando em frente, Kurt concentrou-se num poste de cores vivas. Estava a aproximar-se dele rapidamente. Rapidamente de mais.

Afrouxou o esticar da corda, aliviando a vela de um pouco do vento.

No mesmo instante, girou o corpo, mudando do lugar direito para o esquerdo. Sentado novamente, recostou-se e descreveu uma curva.

O iate de gelo contornou o poste, seguindo velozmente. A sua lâmina dianteira trepidou enquanto raspava pela superfície fria. A lâmina mais distante aguentou a pressão e manteve o equilíbrio.

Apesar do esforço de Kurt, as lâminas por baixo dele subiram no ar e toda a embarcação ameaçou adernar, seguindo apenas na outra lâmina. Kurt inclinou-se mais, esticando o corpo e os músculos, para evitar que o iate tombasse de lado.

Enquanto o guiava numa reta, a força da inclinação lateral desapareceu e a lâmina por baixo de Kurt voltou a deslizar no gelo. Com todas as três lâminas na superfície congelada, a embarcação disparou em frente.

Uma voz no auricular que Kurt usava expressou alívio. — *Essa foi por pouco, Kurt. Por momentos, pensei que teria de chamar os paramédicos.*

— Nada mais fácil — respondeu Kurt. — Mas... hum... mantém o número à mão. Não posso prometer que nós não tenhamos um desastre.

A voz do outro lado da linha era de Joe Zavala. Sendo o amigo mais próximo de Kurt, Joe ajudara-o a construir o iate de gelo, trabalhando na vela e na estrutura de fibra de vidro.

— *Não há quaisquer «nós» nesse iate* — afirmou Joe com uma risada. — *És só «tu». E, só para que saibas, fiz um seguro triplo para essa embarcação. Se deres cabo dela, serei um homem rico. De modo que podes aumentar a velocidade.*

Kurt riu-se e ajustou a sua posição, colocando-se na forma mais aerodinâmica possível. Estava no caminho certo, indo em direção a Joe, com o vento a soprar diretamente atrás dele. Se queria quebrar o seu próprio recorde de velocidade pessoal, isso aconteceria agora.

— Tentando chegar aos cento e sessenta — informou ele.

— *Deixa-o correr. Aviso-te da velocidade conforme te fores aproximando da linha de chegada.*

Kurt esticou a vela uma vez mais, puxando os braços e segurando o cabo com um punho de aço.

Embora tivesse passado metade da sua vida no mar, Kurt nunca fora um grande fã de velejar em águas mansas. Era tudo muito lento e pesado, exigindo imenso trabalho para velocidades normais e oferecendo muito tempo de ócio entre os momentos de atividade.

Praticar iate de gelo, ou vela em águas duras, como alguns lhe chamavam, era uma coisa totalmente diferente. Os iates de gelo obtinham a sua

força do vento, como um veleiro, mas com um atrito de quase zero, devido às lâminas afiadas sobre as quais se deslocavam. Podiam atingir velocidades de cento e sessenta quilômetros, nas mãos certas. Com o Potomac congelado e com dez dias de férias marcados, Kurt viera a praticar diariamente, chegando tentadoramente perto desse número indescritível.

— *Cento e quarenta e cinco* — disse-lhe Joe. — *Faltam dois quilômetros.*

Kurt guiava o leme, com leveza, enquanto o iate corria direito e certo. O gelo transparente e polido estendia-se à sua frente como uma folha de vidro colorido, as margens cobertas de neve do Potomac passavam como um borrão capturando apenas a sua visão periférica.

— *Cento e cinquenta e dois* — anunciou Joe. — *Cento e cinquenta e quatro.*

Kurt sentiu uma pequena vibração nas pontas dos dedos. Um zumbido que não deveria lá estar. Atravessava a estrutura da embarcação e subia através do leme.

— *Cento e cinquenta e seis* — continuou Joe.

Kurt ouviu Joe, mas ele não estava realmente a prestar atenção. A vibração tinha piorado rapidamente e a sensação de desastre iminente crescera com ela. O leme começou a tremer violentamente. Uma das lâminas soltara-se.

Kurt esvaziou a vela de vento, tentando diminuir a velocidade.

— *Cento e cinquenta e sete* — informou Joe. — *Kurt, tu...*

Ouviu-se um forte estalo quando a lâmina externa se soltou. O lado direito do casco tombou no gelo, puxando o iate para a direita. A lâmina da proa cravou-se no gelo e partiu-se, levando consigo parte do casco. Pedacos afiados de fibra de vidro voaram do nariz do iate. Um dos fragmentos passou rente à cabeça de Kurt, outro rasgou a vela.

O resto do acidente foi um caos incompreensível. O iate girou e escorregou, e depois embateu numa margem que o fez tombar incontrolavelmente. O mastro de fibra de carbono partiu-se, o pontão estabilizador dobrou-se por baixo de Kurt e a vela envolveu-o juntamente com o que restava do barco.

O iate deslizou mais trinta metros antes de bater na neve da margem do rio, fazendo ricochete e parando num amontoado irreconhecível de fibra de vidro e lona.

Kurt viu-se preso dentro do que restava da cabine, irritado consigo mesmo por ter exagerado, mas grato pelo capacete e arnês de cinco pontas que usava.

Empurrando alguns dos destroços para o lado, Kurt sentou-se. Tirou

o capacete, reparando no seu próprio reflexo no gelo, distorcido e escuro. Uma rebelde cabeleira prateada cobria-lhe a cabeça. O azul intenso dos seus olhos parecia castanho no reflexo, e as rugas na testa faziam com que parecesse mais velho do que os seus trinta e oito anos. Uma vida passada ao ar livre encarregara-se disso. Sem mencionar alguns acidentes muito anteriores àquele.

Colocando o capacete no chão, estendeu a mão para se libertar rapidamente do arnês de segurança, desafiou-o e saiu do que restava do assento. Enquanto se afastava, avistou Joe a correr através do gelo na sua direção.

Joe tinha um rádio numa mão e o radar na outra. Correu com cuidado, cobrindo vários metros, e depois deslizando por mais outros numa derrapagem controlada. Parou a pouca distância de Kurt. — Estás bem?

— Irei estar — respondeu ele —, se me disseres que chegámos aos cento e sessenta antes do estampanço.

Joe olhou para o radar e abanou a cabeça. — Desculpa, amigo. Tu atingiste um máximo de cento e cinquenta e sete. Talvez esta coisa esteja partida.

Kurt levantou-se, com tachas de metal nas botas a darem-lhe mais aderência. Voltou a olhar para o iate. — Algo me diz que sou a única coisa que *não se partiu* por aqui. Espero que estivesse a falar a sério sobre esse seguro.

O iate de gelo estava destruído, levaria semanas a consertar. Talvez fosse mais rápido construir um novo a partir do zero. De qualquer modo, o Potomac estaria descongelado nessa altura e de volta ao controlo de marinheiros de águas normais.

Antes que Joe pudesse responder, o seu telefone começou a tocar. Pousou o radar e puxou pelo telefone do bolso interior do casaco. — Fala Zavala.

Ainda que o telefone não estivesse em alta-voz, a pessoa no outro lado falava suficientemente alto para Kurt a ouvir com clareza. Reconheceu a voz como sendo a de Rudi Gunn, o número dois na Agência Nacional Marinha e Submarina, onde Kurt e Joe trabalhavam.

A NUMA era uma agência governamental dos EUA encarregue de uma ampla gama de assuntos náuticos, desde o estudo das correntes oceânicas e da vida marinha, ao resgate e salvamento de navios naufragados, especialmente os que tinham valor histórico ou estratégico.

Rudi Gunn era um especialista logístico e operacional. Estava encarregue da maioria dos assuntos do dia a dia. Ele também era o superior direto de Kurt e Joe.

Enquanto Rudi falava, Kurt balançava as mãos para a frente e para trás, dando a Joe o sinal internacional de *não-estou-aqui*.

Joe ignorou-o. — Na verdade, está aqui parado ao meu lado — esclareceu Joe, acrescentando: — Não faço ideia por que motivo estaria a ignorar as tuas chamadas. Provavelmente, por um defeito de personalidade ou devido a um desrespeito patológico pelas figuras de autoridade... Sim, acho que ele gosta bastante do seu trabalho na NUMA...

— Dá-me já esse telefone — urgiu Kurt.

Joe sorriu ironicamente ao passar-lho.

Kurt levou o telefone ao ouvido. — Boa-tarde, Rudi. Em que posso ajudar?

— Para começar — retorquiu Rudi —, podes atender quando eu ligar. Ou pelo menos responder a uma das sete mensagens que te deixei.

Rudi parecia irritado, uma ocorrência rara para um dos homens mais calmos que Kurt conhecia.

Com a mão livre, Kurt apalpou os bolsos do casaco. — Parece que perdi o meu telefone — disse ele. Olhou para os destroços. — Devo tê-lo deixado no iate.

— Iate? — inquiriu Rudi. — Obviamente, estamos a pagar-te demasiado.

Kurt riu-se. — De momento, é apenas um projeto de reparação. Suponho que me tenhas ligado sete vezes por algum motivo.

Rudi mudou de tom, instantaneamente. — Preciso que tu e o Joe venham até ao escritório. Tenho uma missão de que gostaria que se encarregassem pessoalmente.

Kurt era o diretor de Projetos Especiais da NUMA. Essa posição atuava como um isco para qualquer coisa fora do comum que pudesse chegar à organização. Muitas vezes significava voar para partes distantes do mundo a qualquer momento. E, com a mesma frequência, envolvia cenários de alto risco de um género ou outro.

Com base no tom de Rudi, parecia que um desses cenários se estava a verificar. — Estaremos aí dentro de um quarto de hora.

Rudi aceitou aquele prazo e desligou. Kurt entregou o telefone a Joe.

— Deixa-me adivinhar — disse Joe. — Acabaram-se as férias de inverno.

Kurt assentiu com a cabeça, esticando-se e contorcendo-se, até sentir três das suas vértebras a voltarem misericordiosamente à posição correta. — E olha que já é tempo. Podemos magoar-nos a sério por aqui.